

O Cávado

Excm. Sr.
Pro. Carlos de Oliveira Marti
Delegado Escolar
LISBOA



PORTE
PAGO

20 DE JANEIRO DE 1977 — ANO XII — SÉRIE II — N.º 163

ASSINATURA ANUAL (52 Números) 150\$00 — NÚMERO AVULSO 3\$00

ESTRANGEIRO (pagamento adiantado): via normal, 384\$00; por avião, 440\$00. ESPANHA, AFRICA (ex-portuguesa) e BRASIL, 254\$00.

FUNDADO POR JOÃO AMANDIO
SEMANÁRIO — AVENÇA

O SOCIALISMO EM LIBERDADE

O Plano que o Governo apresentou à Assembleia da República para a actividade económica nacional enferma de vários defeitos que especialistas denunciaram a seu tempo e que deram origem a que o mesmo fosse aprovado, com baixa classificação, naquela Assembleia. De facto ele só teve votos favoráveis dos deputados do PS (com a negativa de 2 elementos desse grupo Parlamentar). O que significa que não teve sequer a aprovação de metade dos representantes do povo na Assembleia da República.

Isto em termos de aritmética pura. A expectativa sobre a acção do Governo na Administração pública foi manifestada pelo número de abstenções na votação na Assembleia da República e pelos votos contrários verificados.

Ao fazer uma rápida análise aos números que serviram de base ao Plano, notamos que os valores registados para investimentos são divididos pelo sector empresarial do Estado (35 milhões de contos) e pelo sector da actividade privada (29 milhões de contos).

Entendemos que há algo de utópico nestas previsões, muito embora pensemos que seria bom elas se verificassem.

O sector público poderá contar com fontes de financiamento externo e fontes de financiamento interno, possivelmente através da banca nacionalizada. A primeira parece estar condicionada a uma apertada fiscalização dos investidores; a segunda estará condicionada por aquela originalidade definida pelo Primeiro Ministro e que consiste na actividade concorrencial entre os sectores nacionalizados e privados; o auto-financiamento não é elemento a contar porque — como, aliás, era previsto — a quasi totalidade das empresas nacionalizadas constituem fonte de prejuízos elevados, por inépcia de gestão.

(Continua na 7.ª pág.)

No Centenário dos Bombeiros Voluntários de Braga

Os Bombeiros Voluntários de Braga, comemoram, este ano, o centenário da sua fundação. Por todo o ano corrente haverá actos festivos a assinalarem a data que os honra, na continuidade da honradez e da beneficência que, durante um século, têm espanhado pela cidade e seus termos.

Não são demais todas as palavras de louvor que lhes sejam dirigidas nem todas as manifestações de agradecimento das gerações a quem eles têm, tão devotadamente servido. Não serão também as nossas considerações que os podem enaltecer, nem enaltecer a sua obra secular.

Na sequência das comemorações em curso houve, na semana finda, uma visita à sua nova sede, que se deve ao esforço e à abnegação das últimas equipas que constituíram a sua Direcção.

Nessa visita foi transmitida à imprensa e às autoridades locais presentes (Câmara Municipal, Governador Civil, e outros) a Infor-

mação dos números altos das comemorações.

Assim, foi dado público conhecimento da Inauguração oficial da sua nova sede — cuja concepção arquitectónica e funcional se deve ao arquitecto bracarense Fernando Augusto — e que poderá ter, eventualmente, a presença do Senhor Presidente da República, e o desfile de representantes de todas as corporações de Bombeiros Voluntários de todo o país.

Nessa visita, o Senhor Governador entregou à Direcção um dona-

tivo de 50 contos e prometeu os seus bons ofícios para que o Governo contribua para o apetrechamento da instituição com a oferta de uma nova ambulância.

Daqui chamamos a atenção de todos os bracarense, radicados na cidade ou dispersos pelo continente e estrangeiro para a obrigação moral que lhes assiste de concorrerem, monetariamente, para a expansão dos serviços destes bombeiros voluntários da nossa segurança.

Eles, tudo merecem.

E agora?...

Quando a ANOP informou a imprensa nacional de que Agostinho Neto fora convidado pelo general Eanes a visitar Portugal, o responsável pela notícia, aliás falsa, foi suspenso.

A ANOP, em Madrid, não dando

o texto da entrevista de Sá Carneiro, na íntegra, causou o «vendaval» que todos nós conhecemos...

Que acontece agora ao responsável?

Coincidências surpreendentes

Há dias em mesa redonda da TV, com ex-presos da PIDE/DGS, criticou-se a sentença do julgamento de um elemento da PIDE/DGS, e foi-se mais longe: exigir que a lei se alterasse até ao dia 14 do corrente.

Incompreensível esta ofensiva à TV contra os tribunais.

Perante a realidade da sentença houve estas atitudes:

— A de Ramalho Eanes, Presidente da República, que declarou: a «decisão dos tribunais é a que eu tenho de aceitar sem qualquer discussão»;

— A dos que pediram a alteração da lei; e

— A do Governo, que alterou a lei agravando a pena contra os «Pides» nos casos graves...

Ramalho Eanes prometeu que seria publicado o relatório das sevícias e que os responsáveis pelas mesmas seriam julgados. E cumpriu.

O Governo decidiu publicar um Livro Negro sobre o Fascismo.

Não será, também, função do Governo coadjuvar o Presidente da República na moralização e disciplina do País?

Como se registam coincidências surpreendentes sem referência aos temas em causa, ou seja aos vinculados pelo general Ramalho Eanes, e como o Presidente da República os apresenta?

Se o remédio fosse escrever livros...

Continuamos a abandonar o presente e o futuro dos Portugueses, para se tratar do passado, com o que se tem feito correr muita tinta e fazer falar muitos papagaios! Note-se que mesmo do passado, parece interessar apenas aquilo que de mau existia, a que convencionaram chamar-lhe a «pesada herança»!

Não se fala nas enormes reservas de ouro, da tal herança, certamente porque o enorme peso desse ouro, iria tornar então numa «herança pesadíssima»!!!

Se, como dizem, é recordar é viver, quando recordamos apenas o que de mau existiu no passado, não é viver, é morrer.

Queremos acentuar, mais uma vez, que não fomos simpatizantes do Governo anterior ao 25 de Abril de 1974, como não somos dos governos posteriores. Quem nos conhece sabe bem esta verdade. Somos, única e simplesmente, Portugueses, tão humildes como devotados a esta pobre Pátria.

Sendo assim, falamos sempre com independência absoluta, pois não temos nem queremos compromissos com partidos, quer da direita, da esquerda ou do centro. Nunca recebemos favores de uns nem de outros, logo não há lugar para a gratidão. Todavia, porque vivemos e sentimos esta época mal aventurada, evidentemente que consideramos de melhor ou de pior, o que diz e o que faz, este ou aquele partido, mas daí a ser militante, vai uma distância maior do que da Terra à Lua!

Nesta conformidade, vamos apre-

(Continua na 2.ª pág.)

CASA DO MINHO O XV.º Almoço faz-se em Braga

A Direcção da Casa do Minho resolveu que o XV.º Almoço se realizasse na Capital da Província. Será no dia 30 do corrente, no

Hotel do Elevador, do Bom Jesus. A caravana que vem de Lisboa fará uma pausa na vila de Famalicão para depositar uma coroa de flores na campa de Nuno Simões, que tanto impulsionou a actividade da Casa do Minho.

E no dia 30, às 10 horas, recepção no Governo Civil, seguida de debate sobre «Desenvolvimento regional integrado». Assistem os Governadores Cívicos de Braga e Viana, e Presidentes da Câmara destas duas cidades.

As inscrições podem fazer-se na Nova Brasileira ou no Hotel do Elevador.

Aos nossos assinantes

Perdoem insistir: não é por gosto. Antes pelo contrário...

Há três anos, quando aparecemos, os diários custavam 2\$50; agora, 6\$00. Os semanários, 5\$00; agora, 10\$00.

Aqueles, três vezes mais. Estes, o dobro... Mas nós continuamos como há três anos.

Ora tal não é possível se a assinatura não for paga a tempo e horas. Ou se se atrasarem no pagamento. Quem deve 76 não ajuda muito o jornal. E quem deve 75 e 76.

Vários jornais têm os seus amigos, que generosamente pagam mais do que o estipulado. «O

Cávado» também os tem e só lhes não publica os nomes, porque não temos autorização para isso.

Portanto, se algum assinante achar que pode mandar mais, pois ficar-lhe-emos extremamente gratos. No entanto, o que sobretudo nos interessa, é ter a cobrança em dia.

Há, também, os que desejam ler o jornal e não podem assiná-lo. A administração tem acudido a alguns desses casos mais evidentes. Se algum leitor achar que pode também pagar a assinatura de quem não pode, pois é um gesto maravilhoso. Mas, repetimos, o que mais nos interessa, são as contas em dia.

LIVROS NOVOS

Vejam só!...

Bracara Augusta Julho a Dezembro de 1976

Temos presente o vol. XXX (II tomo) do ano findo, desta excelente revista de cultura da Câmara Municipal de Braga.

Repositório do maior interesse cultural, ela destaca-se como maravilhoso veículo de informação, sobretudo histórica, sendo os trabalhos assinados por especialistas.

Modestamente, o autor do primeiro tituló-o de «Apontamentos», quando se trata de valiosíssimo subsídio para conhecer aspectos do maior interesse da catedral de Braga, que dir-se-ia mais que estudada. Fometemos o leitor para esse trabalho, pois só ele tornaria indispensável a consulta deste volume.

É seu autor o sr. Dr. Manuel Braga da Cruz.

Merecem igual leitura: «Memória sobre os Deputados do Minho às Constituintes de 1911», Luís A. de Oliveira Ramos; «Subsídios para a História Social do

Arcebispado de Braga A comarca de Vila Real nos fins do séc. XVIII», Fernando de Sousa; «A publicação dos desenhos de Sequeira do Museu de Arte Antiga», Flávio Gonçalves; «As lembranças de Don Inês», Henrique Chao Espina; «Carta de Brasão de Armas», Manuel Artur Norton; «Repercussões europeias dos descobrimentos portugueses», A. Álvaro Dória; «Arquivo Municipal — Acordos e vereações da câmara de Braga no episcopado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1559/82), Liv. 1565/66», Frei António do Rosário, O.P., fechando com uma nota da redacção a propósito do falecimento do ilustre bracarense, Dr. Domingos de Araújo Afonso.

Trabalho monumental, sem qualquer exagero, a revista prossegue, serena e forte, o caminho, que se traçou, impondo-se no meio cultural do país e do estrangeiro como das mais eruditas e fecundas do género.

Empresas intervencionadas: gestores incompetentes ...

O governo decidiu acabar com o regabofe das empresas intervencionadas, exigindo que as ditas lhe apresentem, no prazo de 15 dias, relatórios acerca da rentabilidade.

O Secretariado dessas empresas deitou comunicado opondo-se a tal medida, baseado nas seguintes razões (?!)... Comissões: 1.º — o tempo é escasso; 2.º — os trabalhadores não são ouvidos — só os gestores e os proprietários — e 3.º — tais gestores ou administradores não são da confiança dos trabalhadores, ou são incompetentes e algumas Comissões até não estão completas.

E avisa:

«O Governo, com tais medidas, mais do que pôr em risco a sua própria existência, perante a ameaça da reacção e da direita, põe em causa a democracia e a confiança de dezenas de milhares de trabalhadores das intervencionadas», quando eles foram e são muitas vezes o exemplo vivo daqueles que, através do combate ao boicote e sabotagem patronal, defenderam e defendem a nossa economia nacional e o processo democrático.»

Bonitos meninos!... Comeram tudo, levaram as empresas ao caos e aos deficits e, agora que o governo exige que tais empresas venham a ser rentáveis como antes do 25 de Abril, vá de gritar contra a sabotagem, as divisas e o boicote.

Quem é que faz sabotagem ou

boicote, senão estes ricos meninos que queriam comer sem trabalhar ou trabalhando pouco, não pagando sequer as despesas que fazem?...

Trabalham em cheio, têm dinheiro em barda e a banca não lhes empresta dinheiro!...

Cooperativas operárias (11), 2 empresas intervencionadas e 5 em auto-gestão deram conferência de imprensa em Coimbra e afirmaram esta coisa impensável:

«Em resultado do seu esforço, e apesar das dificuldades, os trabalhadores conseguiram, em muitos casos, resultados superiores alcançados pelos patrões, quando eram eles a gerir. Não só a produção de um modo geral, aumentou, como ainda se alargaram os postos de trabalho, numa média de 5 ou 6 trabalhadores por unidade.»

E culpam a banca e os patrões das dificuldades que enfrentam. Em relação à banca dizem: «o que é grave é que a Banca nacionalizada entre também neste processo de travão ao nosso desenvolvimento».

Tadinhos!... Empresas prósperas e estes sabotadores bancários não lhes emprestam o dinheiro...

Mais uma vez, o Governo teria perdido o comboio ...

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Beja, queixa-se de

que a nova tabela de preços para o azeite em nada os beneficia, pois saiu quando já o produto estava vendido a fábricas e intermediários aos preços antigos.

O caso é tanto mais de lamentar quanto é certo, ainda segundo eles, que, em 7 de Setembro, apresentaram ao governo uma proposta sugerindo fossem aumentados os preços do produto.

Acham que, em face disso, o governo deveria obrigar os intermediários e fábricas a restituir-lhes a diferença.

Só há um remédio para isto: o governo tabelar o preço antes da colheita.

Por aí, por aí, a coisa vai ...

Reunidos em Évora os da União dos Sindicatos daquela cidade mostraram a «firme disposição de os trabalhadores combaterem os inimigos da Reforma Agrária, das nacionalizações, do controle operário, do movimento sindical...» E tudo isto porque lhes foi cortado o Crédito Agrícola de Emergência, de que ainda não apresentaram contas...

«Tal como no tempo da ditadura, acrescentam, agora pretendem submeter os trabalhadores pela fome e repressão». Assim interpretam o corte do Crédito Agrícola de Emergência.

Que ricos trabalhadores... nem sequer sabem onde gastaram o dinheiro, pois não apresentam contas.

E ameaçam: «se o governo não voltar atrás na aplicação das suas medidas, lançam uma campanha de fundos a nível nacional e de denúncias a nível internacional, de modo a que os trabalhadores das 7 herdades colectivas de produção possam receber os seus salários»...

Utopias... Se agora a Inter não dispõe das cotas dos sindicalizados a generosidade deixará muito a desejar... E, quanto a denúncias coisa é de gritos... Julgam estes senhores que, nos países ditos socialistas, se não trabalha ou que se pode gastar o dinheiro à tripa forra e sem dar contas?...

E tudo só porque os trabalhadores podem deixar de pagar cotas aos sindicatos ...

Bancários do Centro contestam a decisão do governo em libertar as empresas de receber as cotas

(Continua na 3.ª pág.)

Sabia?...

Só verdura e pastos, mas sem rebanhos, o Alentejo ...

Sobremodo agradável uma viagem ao Alentejo em fins do ano. A verdura estadeia na planura imensa, a perder de vista... Pastos e mais pastos, que deveriam sustentar manadas de gado como antigamente, mas que a Reforma Agrária comeu, não os deixando reproduzir.

Nem as campanhas das ovelhas, nem o chocalhar das boi-lhas.

Não há pelicos, nem tarros, nem cachaporras, nem cães de guarda...

Que é feito de perus, vacadas, franganada, varas de porcos, éguas, dessa riqueza imensa que o Alentejo oferecia ao país, dadivoso e nobre?

Nem se ouve a harmónica. Nem as verdadeiras canções do folclore alentejano. Só guitarras estridentes e cantores bem pagos...

E o regabofe das comezainas à tripa forra...

Do último número de «Jornal do Sul», Beja, reproduzimos:

«Desde o tempo do gonçavismo que as almoçadas e as jantaradas, em que participam os «amigos da onça» que se deslocam propositadamente da cintura industrial para apenas darem ao dente, estão na ordem do dia. Ainda agora, já depois do apelo do titular da pasta do Comércio e Turismo, se realizou lauto banquete no Monte do Alcaide, junto a Elvas, e que antes da ocupação era pertença do eng.º José Mendes Cruz.

Seis autocarros trouxeram os convidados, que consumiram dois novilhos, cinquenta borregos e cem galinhas, fora o resto. E tudo regado com vinho de boa cepa.

O menu foi confeccionado por dois cozinheiros (4 contos a cada), fora os ajudantes.»

Barbudos é coisa que se não permite na Argentina

Na Argentina recusam-se passar documentos de identificação a favor de requerentes barbudos. Só serão dados passaportes e bilhetes de identidade a caras rapadas.

Se o remédio fosse escrever livros...

(Continuação da 1.ª pág.)

ciando atitudes dos nossos governantes com aquela independência que nos caracteriza.

Para hoje, temos a ideia, magnífica ideia aliás, mas incompleta, do nosso Primeiro Ministro, Doutor Mário Soares, pela qual será publicado o «Livro Negro do fascismo». Muito bem, cá esperamos a publicação.

Entretanto, ousamos lembrar ao Senhor Primeiro Ministro, que seria um trabalho mais completo, mandando escrever também o «Livro Negro» do comunismo.

Outro volume com a história dos pides modernos e, ainda mais dois volumes, um relativo à situação geral do País, antes e outro depois do 25 de Abril de 1974.

Também seria interessante mandar escrever a história, clara e real, da descolonização do Ultramar Português!

É que, desta forma, o povo de Portugal, que ignora muitas coisas, ficaria a saber algo daquilo, em que tem o maior interesse, até que um dia possa aparecer a autêntica história do Portugal Moderno.

Se em algum dos volumes a escrever, tiver lugar aquilo que o Grande Português e Valoroso Militar que é o Coronel Jaime Neves,

disse aos seus soldados, no juramento de bandeira dos recrutas do 2.º turno de incorporação de «Comandos», nós transcrevemos a título de contributo para as «obras» a escrever.

«O vosso juramento é de dedicação e fidelidade a uma herança comum oito vezes secular. Estão aqui como cidadãos livres que a Pátria chamou a servir. Numa sociedade que faz da reivindicação desbragada, a sua razão de existir, que faz do chorudo pé-de-mela bancário, o fim último porque se move; exigir somente como suprema honra, o direito de servir a comunidade nacional, não pode deixar de constituir motivo de contradição e escândalo.

O Exército não vos pagará o tão ambicionado salário mínimo. Não vos abonará horas extraordinárias a 300% (tresentos por cento), nem vos reduzirá o horário de trabalho. Porque existe para servir o povo de onde emana, porque é a última reserva moral da Pátria; ele exigirá de vós o máximo. O máximo em dedicação, o máximo em capacidade de execução, face às missões atribuídas. É isto que exigimos de vós, neste momento solene, é isto que deve significar para vós o juramento de bandeira, qual banho lustral que nos puri-

fica, qual baptismo que nos marca»...

Estas, as declarações e incitamento aos soldados dos «Comandos». Revelam um HOMEM que tanto se tem destacado na defesa dos princípios patrióticos e de interesse para a vida nacional. Por tal motivo não estaria deslocado se fosse incluído no volume «Portugal depois do 25 de Abril de 1974».

Aquí fica o alvitro à disposição de quem quer que seja...

VIAGEIRO

CARROS dos Emigrantes

Legalizamos, bem como do ex-Ultramar, trocas de Cartas de Condução e outros assuntos automobilísticos, documentação para Passaportes, Escritas dos Grupos A e B, Folhas de Férias e todos os documentos das ex-colónias, Licenças de Uso e Porte de Armas de Caça e Defesa. Contacte-nos pessoalmente ou por escrito. Aceitamos representantes.

AGÊNCIA CARDOSO

Rua da Fábrica, 46-2.º, Dt.º, (a 100 metros da Praça da Liberdade) Telefone, 24352 — PORTO

Com Filiais em:

GUIMARÃES — Rua de Camões, 16

LORDELO (DOURO) — LORDESCRITA — Telefone, 943703

TRIBUNA LIVRE

As nótuas bairradinas

e os comentárias do povo

por M. Castelão

1. Quando o «nosso Cávado», ou seja o presente número, inserir estas nótuas, já o início do Novo Ano, de 77, é um facto real e consumado.

Mesmo assim aproveitamos para expressar aqui a todos os «nossos» queridos assinantes e leitores os melhores votos de saúde e de muitas felicidades, no quotidiano da vida de cada um, bem entendido, visto que o «embrião» de 77, começou agora! Dirá o nosso povo, com a sua experiência da vida comum, que irá ser um ano como tantos outros... senão for pior!... pois o horoscopo da Natureza, é quem mais ordena! Já no que diz respeito à função dos cidadãos políticos, as opiniões são controversas por motivos óbvios da sua imaginação.

Então, dentro deste pequeno e pobre País, existe uma grande epidemia de imaginações ideológicas e paradoxais, que tudo fazem por se aniquilarem mutuamente. Pelo menos paira no ar a habitual teoria das liberdades democráticas, sob as diversas siglas das cúpulas, sem o menor respeito entre eles... logo sem o bom senso e moral!

Não está tudo dito... nem é preciso dizê-lo!

2. Pelo contrário!... Disseram-nos alguns leitores não terem percebido — o **sincurismo socialista de funil**... Aqui vai o resumo do significado... para tirarem dúvidas... O **sincurismo** — é um sistema governamental que favorece os empregados e neles se apoia. Por tanto **sincura do Estado** — é ter emprego remunerado e não obrigado a trabalhar... ou seja uma classe privilegiada do socialismo em liberdade. Isto é um pau para todas as colheres socialistas e o resto são lírias!... Quem quiser comer tem de trabalhar...

Bem, as conclusões podiam ser outras... para evitar que continuem as lutas entre trabalhadores, patrões e capital, fomentadas pelos famigerados sindicatos... pois a luta destes consiste em absolver o maldito capital alheio e própria sobrevivência através do «trabalho grevista» e nada mais! Depois... ou antes... vá de mandar tocar o cego.

3. Pelos vistos o Secretário Geral do P. S., contesta a lógica da moralidade do Sapateiro de Braga, bem frisante!

Não tenhamos dúvidas! E a propósito vale a pena referir e confrontar aquela passagem inédita, segundo os jornais de 14-12-51, na **Assembleia Nacional**, de um ilustre deputado muito falado naquele tempo: «Gostaria de ver eliminado da legislação, tudo o que constitue

extensão da cargos, para evitar portas abertas às interpretações subtis ou às excepções sucessivamente numerosas. Um funcionário para cada cargo e só um cargo para cada funcionário. Este deveria

(Continua na 4.ª pág.)

Brinquedos que podem sair caros ...

A Firestone despediu 6 trabalhadores, entre eles 2 delegados sindicais. Fê-lo depois de organizado o devido processo.

A partir daí, a efervescência alastra na empresa, numa tentativa, até agora inútil, de impor a readmissão dos despedidos.

A última decisão, depois de terem paralisado a empresa, foi um ultimatum aos norte-americanos: ou readmitiam os trabalhadores despedidos, ou recorriam a formas de luta para vencer. O prazo foi de três dias.

Que medo vão sentir os norte-americanos, gente! Ou os russos, se o caso fosse com eles...

É verdade: porque não recorrem a Moscovo para que ela venha substituir os norte-americanos, já que nos não parece que o estado venha a intervir numa empresa gerida por estrangeiros, até pelas indemnizações, que a resolução implicaria.

Aí está a solução: recorram a Moscovo, gente!

Os amigos não são para as ocasiões? A Rússia vende-nos o petróleo mais barato, dizem ...

Ab sair para Moscovo a delegação que foi estudar o aumento do comércio entre Portugal e a Rússia, certa imprensa embandeirou em arco, esperançada em que Moscovo nos venderia o petróleo mais barato. E dizia: «Então os amigos não são para as ocasiões?»

Como se, em negócios, houvesse amigos. E então russos...

Claro que a gente ficou abismada, pois não nos disse a imprensa estatizada que a Venezuela nos venderia o petróleo em condições especiais? Se ela o vende, para que recorrer a Moscovo?

O facto é que, no regresso, infelizmente, não ouvimos falar em petróleo mais barato.

Estes míopes nem sequer leem a imprensa socialista, que grita, desesperadamente, contra os preços impostos pela Rússia aos satélites, o que lhes agrava imenso a vida. São milhões que Moscovo ganha.

Analfabetos... O que eles querem é que nós lhes compremos mais caro. Por exemplo, o açúcar

MAIS OUTRO PRÉMIO GRANDE

distribuido em 13-1-77 aos balcões da

CASA DA SORTE

2.º PRÉMIO — 11103 — 1800 CONTOS

A seguir:

PRIMEIRA «POPULAR», DE 1977

3.600 contos por 600\$00

300 contos por 50\$00

Comentários

a Cuba... Ou lhe vendamos barato. Por exemplo, o vinho à Rússia.

Novos ventos: desce a produção, pois não lhes pagam ...

Os mineiros da Panasqueira decidiram produzir menos, enquanto a empresa lhes não satisfizesse determinadas exigências.

A empresa informou-os de que descontaria nos salários a quebra de produção verificada e fazia-o após contactos com o Ministério do Trabalho e de harmonia com o teor da mensagem do Presidente Eanes da mensagem do Ano Novo.

Que tal? Mas estes analfabetos julgavam que o caos continuaria?

PC ataca a política económica do PS

A Secção de Informação do PC afirma a propósito da política económica do actual governo:

«Estão neste momento em curso negociações oficiais com consórcios e instituições internacionais, apoiados pelos E. U. A., com vista à obtenção de empréstimos externos muito elevados. Embora o Governo continue a insistir que tais empréstimos não são condicionados por exigências de carácter económico e político, há motivos sérios para pensar que o imperialismo espreita já o momento para aumentar a sua intervenção na vida nacional

(Continua na 4.ª pág.)

Vejam só!...

(Continuação da 2.ª pág.)

dos sindicatos, entre outras, com as seguintes razões:

«O Governo sabe, que o Movimento Sindical em Portugal está assente, no aspecto económico, nas quotizações dos seus associados. Provocar a diminuição nas suas receitas, que já de si são exíguas para as tarefas imediatas, obrigar a montagem de um sistema de cobrança complexo e dispendioso, é dizemos bem alto, *refrear* a acção sindical na defesa dos interesses dos trabalhadores, é, colocar o Movimento Sindical permeável às intromissões estranhas ao seu desenvolvimento, é, privar os Sindicatos de controlar o cumprimento das Leis do Trabalho e dos contratos de trabalho colectivos que, à falta de uma acção efectiva de fiscalização por parte da Inspeção do Trabalho, vem sendo feita através dos mapas de quotização. No fundo, é, dar de bandeja, à CIP o incumprimento das normas contratuais.»

Mas a isto — obrigar os trabalhadores a descontar e os gestores a cobrar as cotas — chama-se ditadura...

Bem, se se trata da ditadura do proletariado, está certo...

Café, 15\$00 ... em Espanha

Quanto mais o mundo prospera, menos a grande massa pode gozar

os bens que se tornaram património de todos. Por exemplo, o café acaba de subir para 15\$00 em Espanha.

Cospem na GNR!...

De «A Capital», 21 de Janeiro: «Os oficiais da GNR são estudantes que não encontraram outro modo de vida».

Aconteceu no julgamento do serralheiro e militante pecepista, António Vaz Barão, quando foi julgado há dias no tribunal de Beja. Quem proferiu esta bela antologia cívica foi o Delegado do Procurador da República do mesmo tribunal...

Conclusão? Bem, leitor amigo, se alguém cuspir na GNR, pratica maior agravo do que o do Delegado Procurador da República de Beja, um homem incumbido pelo estado de defender a Lei?

Salários altos, casas impossíveis ...

Os trabalhadores foram drogados, a partir do 25 de Abril, com mirabolâncias e utopias e deixaram-se levar.

Porque não haviam de ter salários altíssimos? Por exemplo, de 12 e mais contos/mês? Afinal, não estamos em socialismo?

Vai daí, transportes, construção civil, etc., abriram a boca, rasga-

ram-na até às orelhas e, agora, são precisamente os humildes, essas camadas mais pobres, que pagam as favas.

Os alunos têm de ir a pé às aulas. Casas é... um sonho!

Vai daí, atiram-se aos sovins dos capitalistas, que só conhecem um objectivo: a ganância... Por causa da dita — da ganância —, os pobres não podem casar.

Ora acontece que são precisamente emigrantes, pela maior parte, que constroem casas para alugar, ou para eles. Mas uma casa de três andares custará hoje à roda de 3600 contos. Custo de materiais — caros devido em parte aos salários... —, salários dos trabalhadores da construção civil, que subirão depois do 25 de Abril 25%.

Como querem que o aluguer seja acessível? E quem vai arriscar-se a construir novos prédios?

Reparem nisto, gente. Quando abrem a boca para exigir mais salários, vejam as consequências.

Trabalhadores terão de abdicar dos salários para compra de papel ...

Quem o diria!... Os trabalhadores de «O Comércio do Porto» foram advertidos pela administração de que, em virtude das dificuldades financeiras da empresa,

(Continua na 6.ª pág.)



LIVRARIA PAX

LIVROS . IMPRESSOS . POSTERS . GRAVURAS . DISCOS
NOVIDADES

REPARAÇÃO E LIMPEZA DE MAQUINAS DE ESCREVER,
REGISTADORAS, CONTABILIDADE, ETC.

SECÇÃO INFANTIL:

MODERNO SORTIDO DE JOGOS DIDACTICOS E EDUCATIVOS .
CONSTRUÇÕES . LIVROS . DISCOS . BRINQUEDOS . NOVIDADES

TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO

UMA ORGANIZAÇÃO RENOVADA AO SERVIÇO DA CULTURA

Rua do Souto, 75 — Telefone PPC 22604 — BRAGA

O impossível acontece...

Subsídios de sobrevivência: 79\$00

DR de 28-11-76 informava que foi concedido a Maria da Piedade, viúva de Ernesto Ferreira, o subsídio de sobrevivência de 79\$00 mensais e a Maria da Purificação Costa, o de 251\$00 mensais.

Que diabo de sobrevivência poderá ser esta com 79\$00 e 251\$00 mensais?

RTP vai ser penhorada?

Porque não pagou o imposto para a Defesa e Valorização do Ultramar de 1970 e 1972, no total de 7840 151 contos, a RTP está em risco de ser penhorada. É que, embora tivesse requerido a sus-

pensão do pagamento de tal soma, o requerimento foi indeferido...

Cada vez maior o abismo entre os que ganham pouco e os que ganham muito.

O leitor pode ver pela tabela abaixo publicada as enormes diferenças entre trabalhadores da função pública, agora actualizados.

A diferença entre a Letra V e a A, que era de 14 900\$00, passou para 17 300\$00. Um aumento de mais de 2 400\$00...

E assim tudo o mais.

O caso não mereceria referência específica, se não fora a circunstância de estarmos em regime socialista ou a caminho dele.

É ao menos o que dizem...

Eis a tabela:

LETRAS	TABELA ACTUAL	TABELA ANTERIOR	DIFERENÇA
A	21 800\$00	18 900\$00	2 900\$00
B	19 800\$00	17 200\$00	2 600\$00
C	17 900\$00	15 500\$00	2 400\$00
D	16 000\$00	13 900\$00	2 100\$00
E	41 900\$00	12 900\$00	2 000\$00
F	13 800\$00	12 000\$00	1 800\$00
G	12 700\$00	11 000\$00	1 700\$00
H	11 800\$00	10 200\$00	1 600\$00
I	10 900\$00	9 400\$00	1 500\$00
J	10 100\$00	8 700\$00	1 400\$00
K	9 200\$00	8 000\$00	1 200\$00
L	9 000\$00	7 800\$00	1 200\$00
M	8 300\$00	7 200\$00	1 100\$00
N	8 100\$00	7 000\$00	1 100\$00
O	7 800\$00	6 700\$00	1 100\$00
P	7 400\$00	6 400\$00	1 000\$00
Q	7 100\$00	6 100\$00	1 000\$00
R	6 700\$00	5 800\$00	900\$00
S	6 400\$00	5 500\$00	900\$00
T	6 000\$00	5 200\$00	800\$00
U	5 800\$00	5 000\$00	800\$00
V	4 500\$00	4 000\$00	500\$00

Cartas ao Director

Ergamo-nos contra a opressão

Exmo. Senhor Director:

Vi o final do filme polaco «Janosik», que me impressionou bastante.

«Janosik» era o chefe de um bando de cidadãos que lutam contra a autoridade, tirana, opressora, sanguinolenta, para libertar o seu povo das tremendas atrocidades e arbitrariedades a que estava sujeito.

Pois qual foi o símbolo de «Janosik»? Talvez o de libertador, democrata, salvador.

Qual foi o seu fim?! — A força! As mãos dos tiranos ditadores!

Bela lição! Cuidado, polacos! Qualquer tentativa de libertação, terá esse fim! — É pelo menos o que parece querer dizer-nos o seu filme. E a verdade é que o povo polaco continua oprimido pe-

los tiranetes lacaios de Moscovo! Belo exemplo, para quem, pelo mundo fora, apola sob todas as formas os «movimentos de libertação»!...

Melhor do que isto, só o comunicado dos países da chamada «linha da frente» (Zâmbia, Tanzânia, Moçambique, Angola e Botswana), onde se pode ler: «...o conflito entre brancos e negros na Rodésia terminaria inevitavelmente logo que tivessem sido eliminados «o colonialismo, a opressão, e o racismo». Devem ter-se esquecido do que se passa em seus países.

Que melhor exemplo de colonialismo (russo e cubano), opressão (quase todo o povo é oprimido e perseguido, mesmo por tropas estrangeiras) e racismo (os brancos são ferozmente perseguidos, torturados, vexados, mortos — e quase todos portugueses) queremos do que Angola e Moçambique, que alguns portugueses-russos entregaram a Moscovo?

Façamos como os países de leste: unamo-nos, e unidos ajudemos a libertação dos povos (a autêntica libertação, entregando o poder ao povo, que escolherá livremente os seus dirigentes e o seu destino), começando pelos povos angolano e moçambicano, para os quais nós, portugueses (que os atraçoaamos) temos uma grande dívida. Só assim poderemos erguer a cabeça de novo, sem vergonha, e continuar a nossa História quase milenária, como afirmou há pouco tempo um ilustre português:

Palavras do Senhor Presidente da República, general Ramalho Eanes: «a recuperação do País tem, porém, um preço: trabalho, competência, justiça».

Eu colocaria a justiça em primeiro lugar, pois o povo está sedento de justiça. E será injusto pedir trabalho e sacrifício sem que seja feita justiça: quem arruinou este país? Quem, em nome do povo, rasgou a sua História e entregou ao comunismo russo, Angola, Moçambique, Guiné, etc.?

Quem é responsável pela morte de mais de 100 000 portugueses?

Quem é responsável pela miséria de quase 1 milhão de portugueses agora chamados «retornados»; com as suas vidas desfeitas?

Quem é responsável por tantas outras perguntas que podem ser feitas?

Sem resposta a elas não haverá paz nem recuperação do País.

Um assinante

M. G.

TRIBUNA LIVRE

(Continuação da 3.ª pág.)

ser o lema da Administração Pública. Segundo se depreende do parecer da Câmara Corporativa, em 1951, o desemprego não existe em Portugal (há 25 anos) o que está longe da realidade dos factos.

Foi já aqui afirmado que o desemprego intelectual — é hoje no nosso País um problema agudo. Nos seis meses decorridos modificou-se para pior, com a saída das Faculdades de novas legiões de licenciados! E poderia alguém afirmar não existir desemprego? Não pode... Não só o Professor Doutor J. Ferreira, mas também outros ilustres colegas, Coronel D. Monteiro e tenente-coronel Cortês Lobo, analisarem aquele parecer.

4. Realmente, e como dizia o outro — **confrancamente** — para tudo continuar como dantes... não sabemos para quê tanta propaganda das conquistas das liberdades pós-25 de Abril 74!... Mas foi o que valeu, para essas legiões de oportunistas, se filiarem nos partidos

que melhor vantagem ofereceram e oferecem ainda. Por isso não se estranha que o Vital — de origem bairradina, aliás, modesta, se «colasse» ao bufo novo.

Agora, dada a sua perspicácia, foi forçado a um compasso de espera, afim de evitar o indesejável colapso imediato do patrão-mor!... Aqui é que reside a história ou o rifão popular: — «Com o teu amo, não jorges as peras». É preciso contar também com a esperteza dos outros... e nunca fiando!...

5. Já vamos longe de mais... É só para darmos aqui a lista dos novos édis da Câmara de Anadia e da Junta de Freguesia de Vilarinho do Bairro, respectivamente: Eng.º Sílvio Henriques Cerveira, Francisco José Cardoso Pereira, advogado, Ivo Augusto Neves, industrial e Carlos da Silva Neto, agricultor, do P.P.D./P.S.D. — Manuel Martins Fernandes, Eng.º Técnico; António Adriano Seabra Dinis, Eng.º Técnico, do C.D.S. — o Oscar Augusto Alvim de Castro, do P.S. — e da Junta de Vilarinho — Doutor Licínio de Jesus Pereira, em Finanças, e Manuel Pinto de Oliveira, Chefe dos C.T.T., António da Silva Almeida, Henrique V. de Arrochela Lobo e Fausto Antunes, do P.S.D.; Porfírio Martins Santos Cruz, Camilo Figueiredo dos Santos e Vasco Malaia Santana, do C.D.S. e António Dias Libério, do P.S..

Pelos vistos os F.E.P.U. não aproveitaram da larga «abstinência» neste concelho e na freguesia. O número de candidatos foi superior ao número de votos... 28 apenas, numa freguesia de cinco secções de voto. Bem disse o pai do Vital... quando, pelas 16 horas, em frente às secções de voto, se dirigiu a um grupo de amigos, a cumprimentá-los e nos disse: «se fossem só 40 eleitores... nós ganhávamos as eleições... mas não são!»...

Comentários

(Continuação da 3.ª pág.)

e condicionar decisões que só aos portugueses pertencem.»

Se os empréstimos externos põem em risco a independência nacional, — e põe, sem dúvida... — por que motivo recorre Moscovo a tais empréstimos? E aos milhões. Tais e tantos, que a finança do ocidente já avisa os interessados de que podem ficar sem o dinheiro, dada a insolvência daqueles governos.

E quem levou o país a este estado de coisas?

Segundo o PC, foi o VI governo e daí para cá...

Palavras do PC:

«Com efeito», prossegue a nota da S.I.P. do P.C.P., «no curto espaço de três meses, o VI Governo, que tinha encontrado no Banco de Portugal cerca de oitocentas e sessenta toneladas de ouro e dezasseis milhões de contos de divisas, conseguiu fazer passar a desclida de reservas de ouro e divisas da média mensal anterior (Março a

Setembro de 1975) de 1,2 milhões de contos para 5,2 milhões. Em Junho de 1976 calculava-se que cerca de 36 por cento de reservas de ouro já estavam hipotecadas».

«A dívida externa que em 31 de Dezembro de 1975 se cifrava em vinte e cinco milhões de contos, no termo da actividade do VI Governo subia a oitenta e dois milhões e ronda actualmente cerca de 110 milhões.

«A desastrosa política do VI Governo, conduzindo à hipoteca da independência do País, adiante ou desviando as atenções do verdadeiro esforço nacional, que era necessário realizar, era apresentada nesse tempo pelos seus responsáveis, nem sequer como um mal necessário, mas como um motivo de orgulho partidário e como demonstração do seu prestígio junto dos círculos imperialistas. Com a formação e actividade do Governo PS, a situação não se modificou (...).

E conclui o PC.

Votos do PC segundo a mesma informação:

«Como todos os democratas que querem garantir a liberdade, a

democracia e a independência nacional, o PC luta e lutará com todas as forças para que as dificuldades actuais sejam vencidas para que no ano de 1977 não falte o pão e o trabalho aos portugueses, para que seja encontrado um caminho nacional para a superação dos graves problemas do País.»

Ora vejamos: foram as belezas do gongalvismo, o mesmo é que dizer do PC, que o inspirou, que levaram o país ao caos. Só voltando ao mesmo é que nos salvaremos.

Puxa!... Estes homens não têm conserto... É discutir com uma pedra!

BATATA DE SEMENTE

ESTRANGEIRAS E NACIONAIS

Para entrega imediata Descontos a Grêmios e Revendedores

Rodrigo da Costa Gomes Lda.

Rua D. Frei Caetano Brandão, 15 Telefone 2 25 57 BRAGA

ARRAN-BANNER • ARRAN-CONSUL • BINTJE
DESIRÉE • KENNEBEC • RED-PONTIAC

DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS

CONTRASTES

O Rito Bracarense

Entre a Epifania e a Quaresma

Depois do «25 de Abril»

«O Mundo Português», de 31 de Dezembro, fornece a seguinte notícia: «Depois do 25 de Abril», a revista — «Manchete» — chegou a ser proibida de circular em Portugal».

Na recepção de S. Clemente

Da recepção que o Dr. Mário Soares deu no palácio de S. Clemente, no Rio de Janeiro, o mesmo jornal faz o seguinte comentário:

«Foi muito criticado o serviço da recepção. Confesso que não me apercebi da falta de pratos, nem de comida, nem dos guardanapos de linho terem sido substituídos por guardanapos de papel, o que causou um violento comentário de Jacinto de Tormes na «Última Hora». Aliás, quando surpreendi o nosso amigo Edgar Tinoco, do restaurante mais badalado da zona Sul, «Ponto de Encontro», deliciando-se com uma selecção de queijos portugueses, fiquei tranquilo. Enganei-me.»

Do tempo Gonçalves

Mário Soares disse no Brasil que o «ex-Presidente Costa Gomes

estava completamente dominado pelo ex-Primeiro Ministro Vasco Gonçalves e pelos comunistas que se infiltraram em todas as áreas do poder».

De Mário Soares no Brasil

Segundo «O Mundo Português» no Congresso «perante certa perplexidade, Soares tentou explicar o seu «marxismo».

Em S. Paulo falou à Colónia Portuguesa:

«Falandos depois à colónia portuguesa (que, na Casa de Portugal esteve muito pouco representada, merecendo por isso palavras de estranheza do Premier português), os esclarecimentos que quis transmitir incidiram principalmente na sua negação das acusações de cripto-comunista e na tentativa de explicar o que parece ser a «originalidade» do caminho português para o socialismo: a necessidade urgente de se integrar numa sociedade de mercado, toda virada para o capitalismo, um país que, constitucionalmente, deve estar inteiramente voltado para o socialismo.

Assim, e reconhecemos que um tanto paradoxalmente, Mário Soares reiterou: «completou-se o ciclo da democratização»: «a estabil-

dade política está sendo conseguida»: «a explosão reivindicativa e irrealista dos operários foi substituída por uma relação mais adulta com os patrões»: «os que tinham um projecto totalitário, de descapitalização, de colectivização não atingiram seus objectivos»: «acatamos as regras da economia de mercado.»

Crianças abandonadas

Só na Misericórdia de Lisboa, no ano de 1974 fizeram-se 88 pedidos para receber crianças abandonadas; em 1975, cento e dezasseis pedidos; em 1976, até fins de Novembro, 79 pedidos.

Nos portugueses emigrantes

Monsieur Ancel é um bispo francês, que em Lyon trabalha com os emigrantes portugueses.

Há dias perguntaram-lhe o que pensava da actual política portuguesa. Els a resposta: «Sempre que encontro portugueses peço que me expliquem o que se passa mas eles próprios dizem que não percebem tudo muito bem. Se isso «tranquiliza» a minha ignorância, não oferece qualquer solução.»

Entre comunismo e capitalismo

A China comunista comprou no ano passado a países capitalistas o seguinte: 950 mil toneladas de trigo ao Canadá e 750 mil toneladas do mesmo cereal à Austrália. Neste ano de 1977 comprará: à Argentina 200 mil toneladas de trigo; 750 mil ao Canadá; e 500 mil à Austrália.

Entre liberdade e comunismo

O padre André Gelinat declarou, em entrevista, a L'Express que de 15 a 20 mil vietnamitas preferiram suicidar-se a viver debaixo do regime comunista.

A. TORRES

(Continua na 7.ª pág.)

A Sul do Tejo

Uma das últimas pragas por estes lados é a proliferação incrível dos «jacintos da água». São ervas que nascem no rio, mesmo no Tejo, e tantas que estorvam a navegação, matam o peixe e invadem as terras. Que terra melhor que a lezíria do Tejo não há, mas o jacinto mata tudo. Daí o alarme nos jornais, as drenagens tentadas, etc.

paráveis, mas há muito que a mulher do alentejo recusa viver no «monte», no campo, nem que tenha água, luz e o mais. As povoações estão cada vez mais decrépitas, menos branqueadas, com menos crianças e lojas sem movimento.

Ninguém pode dominar uma terra sem dominar a gente dela. Ora a gente no Alentejo parece cada vez menos, nem se vê alguém nos campos. Onde se meteu?

Nunca como agora se demorou tanto para vencer a ponte Carmona (saneada) em Vila Franca. Nunca mais acabam as portagens, até parece que estamos no tempo dos «forais». Demora ou porque aumentaram os carros ou porque os cobradores não se matam a passar bilhetes ou até para sacanear o «respeitável público».

Por causa de o tribunal militar ter dado apenas 3 anos e tal ao pido acusado de matar um escultor comunista, o Diário acusou tudo de podridão. Ele também se acusa de podridão ou não?

Entre as duas capitais do Alentejo há esta diferença: na do sul ninguém vê jornais como A Rua ou O Dia, na do norte, sim. Cá está como o ambiente «modela» a vida de cada um.

Há muita verdura pela campina alentejana. Só não há animais que a comam, a utilizem e a transformem em leite e carne. Perdas irre-

Ecoss da viagem de Mário Soares ao Brasil

DE QUE DEPENDE O RESULTADO DA VISITA?

«Qualquer avaliação que se pretenda fazer dos resultados da visita do Dr. Mário Soares ao Brasil depende muito do desenvolvimento futuro do processo político português. Se este evoluir, nos próximos meses, dentro de uma relativa estabilidade e o Governo contiver os focos corrosivos da ordem democrática e assegurar condições para que a economia funcione com alguma eficiência, é evidente que o desbloqueamento obtido em Brasília permitirá que as negociações iniciadas ganhem impulso e venham a concretizar-se. Entretanto, dificilmente isso acontecerá se os partidos e grupos da extrema-esquerda, com o suporte

de áreas militares instáveis, complicarem a normalidade institucional.

Nesta última hipótese, será muito árduo para o Dr. Mário Soares prosseguir nos rumos anunciados, tanto mais que para os observadores persistem dúvidas quanto à opção que o Partido Socialista tenha de vir a tomar, se colocado perante o dilema de uma aliança de forças para garantir a maioria parlamentar. Para uns, é capaz de se juntar aos comunistas, dando corpo à sonhada «frente ampla das esquerdas» acalentada pelo Sr. Cunhal; enquanto que para outros, a alternativa só pode ser a de unir-se aos sociais-democratas.

No primeiro caso, teríamos a vitória da ala radical do Sr. Lopes

Cardoso, o «socialismo sem liberdade» e o retrocesso aos dias calamitosos que precederam o «25 de Novembro». Portugal estaria inexoravelmente perdido para a Democracia e para o Ocidente. As promessas de Brasília seriam prestes esquecidas.

No segundo caso, uma coligação com os sociais-democratas, que seria recebida com alívio ao nível europeu e americano — ampliar-se-iam os temores existentes dentro do Partido Socialista de ser envolvido, mais cedo ou mais tarde, pelos correligionários do Sr. Sá Carneiro, que se julgam melhor preparados para exercerem o comando político do País.»

A. Gomes da Costa em «O Mundo Português» de 31 de Dezembro

mais humilde dos meus Irmãos a Mim o fizestes».

«Eu sou a videira; vós sois os ramos». Se o ramo está ligado à videira, vive da e com a videira. Se não está, morre.

A prostituta, o drogado, os que têm fome, etc. são ramos ligados ou soltos da Videira. Tens pensado nisto? Preocupas-te com eles?

Essa identidade entre cada um de nós, baptizados, e Jesus é tal, que S. Paulo afirma na epístola do II domingo depois da Epifania (estou-me a referir à liturgia de Braga): «Porquanto, assim como abundam em nós as paixões de Cristo... Quer dizer: os nossos sofrimentos são os de Jesus, prolongam e completam a paixão de Cristo. Muitas paixões, mas uma só paixão!...

Que excelente lição teológica sobre o Corpo Místico ou a Igreja pode, com estes textos litúrgicos, expor qualquer professor da especialidade...

Conclusões pastorais: salu-me, a sorte grande. A quem devo dar parte do dinheiro, aos santos ou aos pobres? Não hesite: «Tive fome e deste-me de comer»...

Vou construir casas para alugar: devem ser de luxo ou para os débeis economicamente? Tem a resposta atrás.

Vamos fazer a greve dos transportes, dos hospitais, das farmácias... Pensa em Cristo que viaja, no Cristo enfermo...

E ainda dizem que a nossa liturgia não vale um chavo!...

A. Luís Vaz

Como dinamizar a agricultura?

Vão realizar-se em princípios de Fevereiro as primeiras Jornadas Nacionais de Extensão Rural, promovidas pela Sociedade de Ciências Agrárias de Portugal.

Dizem os economistas que a

produção agrícola global está estagnada há duas décadas e o País é hoje obrigado a importar metade daquilo que come, situação esta que não tem paralelo na Europa.

A Extensão Rural, ou Assistência Técnica, que a Constituição considera um direito dos agricultores, pode ser, se nós quisermos, renovada para constituir o verdadeiro motor do desenvolvimento agrícola português.

As Jornadas sobre Extensão Rural constituem uma oportunidade para que cada região agrícola deste País exponha os seus problemas e os seus pontos de vista sobre a melhor forma de os resolver, definindo as tarefas e as estruturas de uma assistência técnica que esteja efectivamente ao serviço dos agricultores.

Indicadores gerais

— Estagnação (quase) do PAB há duas décadas.

— Rendimento «per capita» da ordem de 1/3 dos outros sectores.

— Agravamento do saldo negativo «importações versus exportações» agrícolas, representando já 50% do deficit da balança comercial em 1975.

— Excesso de mão de obra agrícola: cerca de 1/3 da população activa.

— Excesso de Empresas agrícolas de reduzida dimensão, isto é, cerca de 800 mil para menos de (Continua na 6.ª pág.)

Em 31, por iniciativa do PSD, Noite de Portugal

Por iniciativa do PSD, terá lugar no Teatro Monumental de Lisboa, no dia 31 do corrente a Noite de Portugal, de cuja comissão de honra é a seguinte:

Maria Manuela Eanes Carlos Pina (director de «O Dia»); Natália Correia (directora da «Vida Mundial»); Vera Lagoa (co-directora de «O País»); Matias Barroso (PS); Helena Roséta (PSD); Maria José Sampaio (CDS) e Fernanda Leitão (directora de «O Templário»).

Até este momento, asseguraram já a sua colaboração os artistas: Amália Rodrigues, Vicente da Câmara, Frei Hermano da Câmara, Amélia Rey Colaço, Raul Solnado, Nicolau Breyner, Henrique Santana, Eugénia Salvador, António Mourão, Herman José, Beatriz Costa, Hermínia Silva, Vasco de Lima Couto, Francisco José, Cidália Zel, e o Rancho Folclórico da Pedreira (Tomar).

Dois dos locutores serão: Armando Ferreira e Eduardo Fidalgo.

S. Marcos sem dinheiro:

(Onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão)...

Pelo visto, o hospital de S. Marcos em Braga, não nada em dinheiro e o facto deu ensejo a que se atrasasse no pagamento de salários ao pessoal.

Em fins de Dezembro, chegaram 5 mil contos para os tais retroactivos, mas, certamente, por não dispor de dinheiro para os ordenados da época, a administração aplicou-os aos ordenados pontuais, o que deu ocasião a protestos da parte do pessoal.

Contactos com a administração não resolveram nada, salvo, parece, demasiadas calorias emocionais...

Vai daí, um gestor seguiu para Lisboa com mira a encontrar solução para o caso.

Para que comentar ou admirar-se a gente, se isto é o pão nosso

de cada dia? Esperemos, no entanto, que os homens da caridade e do serviço aos irmãos doentes, se não lembrem de os mandar às farras, pondo-se em greve...

Também, em Celeirós, os ânimos fervem...

Greve de 2 dias — em 13 e 14 do corrente — pretendeu exigir o pagamento de salários em atraso na Primotécnica em Celeirós.

O dinheiro chegou e os salários foram pagos... Mas, entretanto,

ainda por falta de dinheiro, há o risco de serem despedidos 55 trabalhadores do referido Parque Industrial. Vai daí, reunião convocada para hoje pretende obstar a que tal suceda.

E que solução apresentam os trabalhadores? Se não há dinheiro, porque o não pedem eles emprestado à «nossa» banca, melhor à banca «deles»?...

Ai, minha gente, quem nos viu e quem nos vê...

Enquanto isso, Coca-Cola vai correr em Portugal... E o nosso Vinho!...

Após tentativas inúteis ao longo de anos com o velho regime, a multinacional vai impingir-nos aquela coisa dulcorosa e saborosa, que dá pelo nome de Coca-Cola.

Achamos muito bem, até porque não tencionamos beber da tal coisa. No entanto, antigamente opunha-se como razão, para evitar a instalação de mais fábricas de cerveja e Coca-Cola, precisamente a nossa produção de vinho, que, nos anos de abundância, se vende ao desbarato...

Este argumento, agora, já não colhe? E onde estão esses deliciosos heróis, que, por tudo e por nada, fazem greve e gritam, desvairados, contra as Multinacionais?

Sim, onde estão eles?

Será que a Rússia lhes mandou calar o bico, pois também ela recebe, com braços abertos, as ditas «Multis»? E os lavradores que fazem?...

Suicidas, é o que são...

Como dinamizar a agricultura?

(Continuação da 5.ª pág.)

4 milhões de ha de área agrícola-tável.

— Fraca tecnologia, mau ensino agrícola, maus serviços de divulgação, etc., etc..

— 400 mil trabalhadores agrícolas e 800 mil empresários agrícolas.

— Sindicatos e Associações de Agricultores.

— 300 Ex-Grémios, 400 Cooperativas e Comércio Privado.

— Indústrias transformadoras e fornecedoras de factores de produção ou de crédito.

— Ensino primário, secundário e universitário.

— Serviços de Investigação, Experimentação, Divulgação, Planeamento e Reestruturação (actualmente 12 mil funcionários).

— Imprensa regional e nacional, rádio e TV.

— Governo.

Como pôr o sistema a funcionar capazmente?

Quais os caminhos críticos do desenvolvimento agrícola?

Eis o que vão estudar as próximas jornadas nacionais.

RONDA POPULAR

Ao calor da lareira...

V

Passadas que são as festas do Natal e Ano Novo, voltamos a este lar acolhedor para, ao calor da lareira, continuarmos com a conversa amena há duas semanas interrompida.

O nosso amigo Bento deslocou-se à região algarvia, para consoar com seus filhos e netos que ali se radicaram, vivendo ele como retornado que é, e sem mais recursos com que possa sobreviver, na sua casinha humilde algures no Minho, com apenas o subsídio que de vez em quando recebe do IARN. Já de regresso, ao responder à pergunta um tanto atrevida que lhe fizemos, sobre a sua situação de vivência tão solitária naquele ermo, respondeu:

— Eu poderia, realmente, viver com meus filhos e noras, pois

adoro também muito os meus netinhos; porém, não quero tornar-me pesado a quem tanto esforço tem de fazer para nestes tempos tão difíceis sustentar os seus com o produto de um trabalho árduo do dia a dia.

Poderia estar, como tantos outros, num hotel, mas tenho a minha casinha, que apesar de ser tudo quanto me resta dos meus pobres pais, é onde eu me sinto ainda muito feliz, por ser o meu berço de infância. Não me julgo no direito de exigir alojamento aos meus filhos, que são, como já disse, humildes trabalhadores. Não me julgo também no direito de exigir do Estado alojamento em hotéis, pois com o subsídio que periodicamente recebo, e que vai chegando para fazer face às minhas despesas mais prementes, dou lugar a outros que não têm eira nem beira..., e seria isto mesmo que todos deveriam fazer, pois alguns há que tendo casa sua ocupam os hotéis ou outros lugares aquele espaço e ainda a alimentação devida aos extremamente necessitados. Eu entendo assim; outros entendem que devem poupar o que tem, em prejuízo daqueles que não têm nada.

— Mas, segundo ouvi dizer, e até veio a lume na imprensa, está a decorrer um rigoroso inquérito para esses e outros abusos...

— Sim, meu amigo; está a ser feito inquérito. Se é rigoroso ou não, não sei. Mas devia ser. Dizem até as «más línguas», que muitas e grandes fortunas já foram conseguidas à custa do auxílio aos retornados. Ora isso, a ser verdade, é escandaloso! E até um crime!

— Diz o povo que os retornados que estão alojados nos hotéis e pensões, estão ainda a receber um subsídio. Que diz a isto o amigo Bento?

— Que é falso. Há, realmente, quem receba subsídio, mas apenas os ex-funcionários do ultramar, que se encontram inscritos no

quadro de adidos. Daí, que o povo diz que todos os retornados recebem subsídio. Mas a grande maioria dos retornados não eram funcionários. Eram particulares. Uns trabalhavam por conta própria, outros trabalhavam como empregados de empresas particulares. Estes, a meu ver, «não eram portugueses»..., pois têm direitos diferentes. São hoje ignorados como sempre o foram em terras do nosso Ultramar! Conheço pessoas que vivem em hotéis, desses tais particulares, que como já disse é a grande maioria, que lutam com grandes dificuldades, pois para além do alojamento e alimentação, mais nenhuns direitos lhes são facultados. Se estão doentes, eles ou seus familiares, ou, o que é mais triste, as crianças, não têm dinheiro para poderem ir ao médico, pois esta receita e os medicamentos necessários não podem ser adquiridos. É certo que a assistência da Caixa de Previdência tem grandes descontos; mas muitos nem os cinco escudos têm para a marcação da consulta. Os hotéis ou pensões, não fornecem sabão, nem outros artigos de higiene. Quantos e quantos, que não se deslocam à sede do distrito ou outros locais, para receberem roupas que necessitam, para eles e para os filhos, por falta de dinheiro para pagar as passagens?!... Quantos!

— Tenho ouvido, amigo Bento, na minha ronda através do país, que os retornados vivem à custa dos dinheiros do Estado, portanto, do suor do povo. Será isto verdade?

— Tu sabes, amigo Marçal, e o povo sabe também que grandes verbas têm vindo de países estrangeiros amigos, para benefício exclusivo das muitas centenas de milhares de refugiados que a «descolonização exemplar» fez regressar a este país. Se os dinheiros são bem administrados ou não,

(Continua na 7.ª pág.)

Vejam só!...

(Continuação da 3.ª pág.)

os trabalhadores teriam de abdicar dos salários em Fevereiro afim de ser possível adquirir papel.

Colhidos de surpresa, lamentaram que a administração os não tivesse avisado mais cedo e que não tivessem tomado providências a tempo e horas.

Por seu lado, o conselho de redacção, em comunicado, considerou alarmistas e infundadas as informações postas a circular acerca da situação do jornal.

Diários e semanários: quem influencia o país?

Quem se tenha dado ao cuidado de ler as cifras das tiragens dos diários chega a uma conclusão muito delicada: a de que a tiragem global não deve exceder em muito (se é que lá chega...) os 300 000 exemplares por dia.

Numa população de mais de 8 milhões, é muito pouco. De resto, devemos partir do princípio de que as cifras mensais publicadas correspondem à verdade, o que não é rigorosamente certo.

Os semanários, essas pequenas folhas de couve, com tiragens a começar dos 1 000/semana ou quinze dias, juntamente com os grandes, atingem mais de 5 milhões/mês. E cobrem todo o país.

Perante esta conclusão, o leitor veja quem é que realmente influencia o país e ficará a saber por que motivo é delicada a situação de facto da referida imprensa, porquanto a simples taxa do correlo pode acabar com ela.

Dinis d'Orey, um pé cá, outro na Brasil...

Aos primeiros sintomas do ciclone, que se abateu sobre nós, a seguir ao 25 de Abril, milhares

de portugueses, precisamente os mais capazes, fugiram... Além fronteiras, procuram erguer do zero as empresas que o tufão lhes roubou em Portugal.

Deveriam ter fugido ou teimado em ficar no país? Parece-nos que deveriam ter ficado entre nós. Os que ficamos, resistimos fortemente ao gonçalvismo e conseguimos salvar o país.

Se cá estivessem, seria hoje mais fácil recuperar o perdido em prosperidade e riqueza.

Dinis d'Orey, ex-presidente da Câmara de Famalicão, procedeu duma forma, que se nos afigura a melhor: sem deixar o que tem por cá, decidiu instalar-se no Brasil para o que der e vier.

E é vê-lo 15 dias lá e outros 15 dias cá. Essa teima pertinaz de defender o que tem aqui e de criar novas riquezas, é sem dúvida o melhor exemplo para todos nós.

Bem haja!...

Lemos e não comentamos

O Governo terá de nos prestar contas correctas...

António Sequeira em CP, de 11-1-77:

«A estatização das empresas foi mau negócio para o Governo. Porque se estatizou? Estatizou-se para dominar o poder económico. E para isso tentou-se dominar os quadros técnicos, mas como isso não foi totalmente possível, fez-se o seu saneamento. Uns afastaram-se voluntariamente, outros compulsivamente, e deu-se a entrada para manutenção das empresas e grupos de locais incompetentes e parasitas, que tornaram não viável economicamente o que antes era progressivo e rendoso. Quem foi mais vigiarizado? Todo o povo português e, em especial, os pequenos e médios accionistas, graças a quem foi possível criar a cada momento novos postos de trabalho e bem-estar social.

Sim, porque todos os empregados das empresas estatizadas já se encontravam antes do 25 de Abril em posição privilegiada em relação à maioria do povo português. Tanto assim que, representando aqui os emigrantes, posso afirmar que se fosse possível a cada um deles, candidatos a emigrantes, ingressar numa CUF, num Banco, nos seguros, na TAP ou em qualquer empresa da cintura industrial de Lisboa, com todas as regalias sociais que nelas já se disfrutavam, não trocariam o certo pelo duvidoso. Não se sujeitariam a comer o pão que o diabo amassou, como se costuma dizer e é verdade.

Temos que ter em conta que cada uma das empresas estatizadas tem muito menos empregados do que pequenos accionistas, logo está uma minoria dirigida e com o apoio do Estado a explorar uma maioria, os pequenos e médios accionistas. E, com os frequentes avales do Estado, todo o povo português...

Demagogicamente e traiçoeiramente inverteram-se os valores reais da sociedade e ao homem honesto, trabalhador e poupado, chamou-se-lhe os nomes mais feios, humilhantes e degradantes. Mas como só com água não se fazem filhos, os resultados estão à vista...

Sentimo-nos tão traídos e prejudicados que se o Governo quer

contar com o nosso apoio terá que vir ao nosso encontro e prestar-nos contas correctas e honestas, indurizir-nos, novamente, a poupar e investir para criar riqueza para ser distribuída por todo o povo português.

Poderão alguns dizer «...cá está a recuperação capitalista...» e dirão ainda outros que somos «reacionários» e inimigos do povo. Porém, do que se trata é de recuperar o fruto do nosso esforço, do nosso suor, do nosso sangue, que nos são muito caros.

Há duas maneiras de levar o homem a grandes empreendimentos: ou o estímulo aceitável ou a força repressiva. Qual delas quer usar o Governo?».

Belezinhas da Reforma Agrária

Infante da Câmara vendeu, em 73, a cortiça das herdades, que mais tarde foram expropriadas, aliás, roubadas, a um comprador do Norte.

Entretanto a propriedade passou a ser gerida por uma cooperativa, a «Boa Esperança», que vendeu a cortiça a uma empresa, por cuja venda já recebeu um adiantamento.

O antigo comprador não esteve

com meias medidas e levou o caso à GNR.

Comprador e GNR deslocaram-se à cooperativa, a quem exigiram a cortiça vendida. A gestão opôs resistência, mas a GNR exigiu a entrega do artigo ao comprador.

O advogado interpôs recurso para tribunal...

Não há dúvida que asneira puxa asneira...

RONDA POPULAR

(Continuação da 6.ª pág.)

não me compete a mim dizê-lo. Como atrás foi dito, um inquérito está a ser feito. Mas o auxílio tem vindo de fora. Toda a gente sabe disso. Forças ocultas tentam, talvez, fazer constar que os retornados vivem à custa dos dinheiros do Estado. Aliás, se assim fosse, ninguém poderia estranhar que o nosso Governo auxiliasse aqueles que foram vítimas dos efeitos de uma revolução que foi levada a cabo a bem do Povo e nunca contra o Povo, como parece alguns desejarem que seja.

—O nosso Povo, amigo Bento, vai tomando consciência da realidade dos factos. Contudo, uma ou outra anomalia surge, de quando em vez, devido à falta de iluminação por parte da imprensa, rádio e TV, sendo notória uma certa má vontade e o desejo de que a mesma continue na mente do povo menos evoluído contra os nossos irmãos retornados à sua Pátria. Está na mente de todos nós, os que tivemos a oportunidade de ver e ouvir na TV, nas vésperas das eleições para as autarquias locais, aquela reportagem feita numa das ilhas açorianas, quando um homem idoso dizia não estar interessado nas tais eleições, pois não via melhorias entre o tempo antigo e o de agora, sendo, dizia ele, pior a sua situação agora do que no passado. O homem ia falando, dizendo da sua justiça; mas quando

disse que era um retornado de África, logo conversa e filmagens foram interrompidas. Que significa isto?

—Que os meios de informação não estão interessados em mostrar ao Povo certas verdades. É por estas e por outras, meu amigo, que ouvimos por vezes certas conversas entre o Povo, que nos chegam a causar pena, como aquela do retornado que levou a criança para cima de um telhado. Dias depois, duas mulheres do povo comentavam o caso, bastante revoltadas contra os «retornados», pois estes andavam a atirar as crianças para cima dos telhados!!! «Talvez que esta conversa tivesse agradado aos tais politiqueros inimigos do Povo!

—Penso que já é tempo de se dizer ao povo que tal não compreendeu ainda, que há retornados e refugiados, embora todos se encontrem entre nós pelo mesmo motivo: — efeito de uma independência prematura, apressada e nada exemplar. Povo e governantes não tiveram uma preparação adequada. Enquanto alguns militantes da Frelimo (isto no caso de Moçambique) diziam ao Povo que todos, brancos e negros se deviam unir como um só homem para a reconstrução do País, esquecendo ressentimentos de uma convivência nem sempre exemplar, pedindo até para que uma pedra fosse posta sobre esse passado que agora a

ninguém interessa recordar, outros vieram depois que removendo a pedra faziam vir à superfície o que de mau foi feito, abafando tudo aquilo que de bom e positivo sempre existiu e que os próprios negros confessavam — e confessam hoje, mais que nunca — ser possível apenas com a presença ali dos portugueses! Devido a estas propagandas contraditórias, movidas e comandadas do exterior, muitos milhares de negros e mestiços se acolheram pedindo protecção, a esta terra bendita de Portugal, cuja Bandeira sempre viram ali flutuar, a todos protegendo! Estes não são retornados, mas apenas e só portugueses que, por o serem, aqui se refugiaram. Por isso mesmo são dignos e merecedores do nosso respeito, da nossa admiração e da nossa hospitalidade! Até à próxima, amigos.

MARÇAL

CONTRASTES

(Continuação da 5.ª pág.)

O padre André Gellinas viveu 19 anos no Vietname.

Sem contrastes

O Governo comunista da República Democrática Alemã «denun-

ciou» na revista «Der Spiegel» a prisão do filósofo Robert Havemann e a privação da cidadania do cantor Wolf Bierman.

Porque esta «habilidade»? Para provocar protestos e cair sobre os que protestaram.

O SOCIALISMO EM LIBERDADE

(Continuação da 1.ª pág.)

E, como disse o Senhor Presidente da República na sua mensagem de 5 de Outubro, temos de fechar o que é inútil. E as nacionalizações sem critério definido, feitas na sanha destruidora que se seguiu ao 11 de Março tornaram empresas rendáveis em prejuízos sorvedouros dos dinheiros públicos, do dinheiro de todos os portugueses. Numa paráfrase popular — a que se referiu o Secretário de Estado da Cultura — teve de se dar unhas e viola a quem não sabe tocar. A partitura já a tinham, vinda sabe-se lá donde. Provavelmente iluminada pelo Sol do Oriente.

O único sector que pode viver e prosperar a nível sócio-político-económico de engrandecimento rápido da riqueza nacional será o sector privado. Mas, para o seu funcionamento correcto é fundamental que se definam parâmetros de actuação e modos de manutenção da sua actividade. Assim, parece ser fundamental definir-se:

1. A delimitação de campos de acção dos três sectores definidos constitucionalmente: sector público, sector privado e sector cooperativo.
2. Uma actividade concorrencial entre sectores exige tratamentos semelhantes no recurso ao critério bancário, mas relações de trabalho claramente definidas, nos limites de intervenção das Comissões de Trabalhadores considerando a sua incipiência administrativa, nos salários estáveis que permitam programar o trabalho a médio prazo com lucros nunca inferiores aos juros atribuídos a depósitos bancários, nomeadamente aos do Banco de Fomento Nacional.
3. Segurança temporal de actividade, de modo a que não possam ser tomadas de assalto as empresas logo que economicamente prosperas.

Sem a definição clara e nítida destes pontos fundamentais, não haverá lugar a investimentos nem estímulos à poupança.

A actividade empresarial é uma floresta cheia de riscos de toda a ordem. A poupança é uma austeridade voluntária que só tem significado quando a essa austeridade presente se dá a esperança dum benefício futuro.

Se, como acontece até agora, aquele que sacrifica bens presentes por bens futuros poupando e fazendo crescer a sua conta bancária, vê o seu capital a ser delapidado com empréstimos ou com avales àqueles que não querem trabalhar ou não têm capacidade organizativa, é evidente que deixa de o fazer.

E, de duas uma: ou gasta os seus capitais satisfazendo necessidades secundárias, provocando uma desnecessária inflação; ou guarda o seu papel moeda esperando melhores dias, deixando de contribuir para o desenvolvimento do país.

Em qualquer dos casos, se não há sabotagem económica visível tudo se passa, fundamentalmente, como se ela fosse real autodefesa contra indefinições que é urgente ultrapassar. Há prejuízo irreparável para a nossa economia e sua evolução desejável.

O Governo tem de fazer o socialismo do possível e, para isso, não precisa de ser original. Basta-lhe ser realista. Até porque acima do socialismo programático há a defesa da democracia e da justiça social a que o Senhor Presidente da República se referiu ultimamente.

O socialismo português não pode ser construído sobre ruínas e sobre a desgraça do povo. Porque então não teríamos o socialismo em liberdade. Porque nem teríamos liberdade, nem democracia, nem justiça social, nem socialismo.

Teríamos sim, a força bruta a organizar uma sociedade de pedintes.

O que não queremos.

O que exigimos não seja possível.

A. C.

É neste sentido que devemos interpretar estas declarações de um funcionário de Berlim-Oriental:

«Conseguimos trazer os ratos para fora de seus buracos. Agora podemos passar para a luta aberta contra as posições próximas do eurocomunismo e contra as Ideias de democracia burguesa do tipo das que são defendidas pelo Partido Comunista Italiano.»

Os desalojados devem instalar-se em casa própria e procurar emprego

Acabaram os subsídios e bem assim as estadias em hotéis e pensões: nos hotéis de 3 estrelas até 30 de Abril próximo, na província, e, nos restantes, até 30 de Setembro, de 77.

Devem, por isso, tratar, desde já, de se empregarem, estudar o recurso ao crédito para desalojados e procurar alojamento por conta própria.

Devem, ainda, inscrever-se nos Centros de Emprego para emigrar ou nos Centros Temporários de Alojamento.

Os sem-emprego podem pedir o subsídio de desemprego.

A não inscrição atrás referida implica a cessação de benefícios, nomeadamente para alojamento.

O dinheiro poupado com alojamentos reverterá para a criação de postos de trabalho.

Com vista a habilitar-se para o crédito selectivo para desalojados, os Interessados devem saber que o número de desempregados desalojados não pode ser inferior a 2/3 do total dos sócios, devendo a participação técnica e financeira dos residentes ser significativa.

Os empreendimentos entre 50 e 500 contos são tratados na Banca Comercial. De 501 a 5 000, na Banca Comercial e na de Investimento. Daí para cima, apenas na Banca de Investimento.

Os empreendimentos devem ser novos quanto a projectos de actividade económica.

Os Interessados podem recorrer das decisões da Comissão Interministerial de Financiamentos e Retornados (CIFRE) e das Comissões Regionais, Distritais ou concelhias do Commissariado.

Perguntas que Mário Soares não ouviu

Carlos Tojal desejou tomar parte no encontro de Mário Soares com os técnicos portugueses, mas não conseguiu, pois o Consulado Português em S. Paulo não o inscreveu na lista dos participantes, e disseram-lhe que por a referida lista já haver sido entregue.

Em «O Mundo Português» de 31 de Dezembro refere-se ao facto nestes termos:

«Certamente que uma abertura ao acesso indiscriminado de técnicos e empresários, criaria momentos bem difíceis, (bem mais do que os que se deram), e que o Senhor Doutor Mário Soares, por melhores que fossem as suas intenções, se veria em dificuldades para responder. Claro que, essa mesma reunião a dar-se nos moldes que já anteriormente defendemos, poderia resultar num fracasso e até numa perda de tempo, pois que fatalmente surgiriam perguntas de carácter pessoal ou restrito, que naturalmente a nada serviriam, porquanto o que se visava eram esclarecimentos definindo intenções de desenvolvimento global, tanto no aspecto económico como político.

No meu caso e penso no caso de todos aqueles com uma visão consciente da situação, somente e especificamente interessava a resposta a duas perguntas ou questões, as quais considero fundamentais:

— Dado que mercê da actuação de vários Governos Provisórios, em alguns dos quais o Senhor Doutor Mário Soares participou, constatou-se o descalabro económico e político das empresas portuguesas e malgrado as vicissitudes de todo esse período, algumas delas mantêm-se vivas, embora em estado precário. Somente se poderá encerrar a sua recuperação e reestruturação, se o Governo se resolver a dar uma política de apoio, especial-

mente no campo financeiro, segundo moldes, encargos e períodos a serem estabelecidos.

O convidar os empresários a retornarem a Portugal e a desenvolverem essas mesmas empresas, carece de fundamento dado que na maioria dos casos, esses, mesmos empresários já se encontram exauridos de bens materiais que possibilitam novos investimentos.

Assim sendo e pretendendo-se travar a derrocada, quais as medidas imediatas e futuras do Governo Português no que respeita a Indústria portuguesa não nacionalizada ou sem intervenção estatal?

E imediatamente surgiria a segunda pergunta directamente relacionada com a anterior.

— Qual a política do Governo, no que se refere à reestruturação da autoridade empresarial, junto das Comissões de Trabalhadores e dos próprios Sindicatos, como meio de possibilitar uma gestão justa e produtiva, que de algum modo garanta um mínimo de fruição de esforços e riscos dispendidos?

Estas seriam as perguntas que classificamos de fundamentais e que estamos cientes serem de muito difícil resposta.»

Ao fechar da página

Apesar do programa do Governo de Bonn

A coligação política da República Federal da Alemanha — Socialistas e Liberais — formou governo, a que preside o Chanceler Helmut Schmidt, depois das últimas eleições.

Os Democratas-Cristãos é que obtiveram o maior número de votos, como partido, mas a coligação superou-os para a formação do governo, em virtude de terem a maioria parlamentar, embora por uma maioria muito reduzida.

A Democracia-Cristã tem-se oposto à «abertura» para Leste, dos Socialistas, na medida em que venha a prejudicar, mais tarde, os grandes problemas alemães como o da reunificação.

Embora o governo da coligação dê garantias políticas de que não quer guerra com Leste, a verdade é que descarregam sobre os Democratas-Cristãos as acusações que lhes fazem acerca de uma futura guerra. Foi, sempre, esta a política de Moscovo e Satélites comunistas: a possível ameaça dos alemães.

Há três anos que se efectuam, na cidade de Viena, conversações para a redução de tropas e armamento na Europa Central. Tais conversações não avançam, por causa do medo de que algum dia apareça um governo alemão agressivo e, portanto, perigoso.

É o fantasma alemão, que os políticos aproveitam para os seus intentos.

De registar que há muitos políticos de Leste e do Ocidente — ingleses, franceses, holandeses, belgas, noruegueses, russos, polacos, tchecos e alemães de Leste — que temem que o vácuo deixado pela retirada das Forças Armadas dos Estados Unidos possa ser preenchido pelos alemães-ocidentais, com consequências perigosas, embora hipotéticas.

Poder-se-á estranhar que países que estão com a Alemanha Ocidental na Aliança Atlântica pensem dessa forma. A razão é muito simples: os povos Ocidentais, que sofreram as consequências das últimas guerras mundiais com a declaração de guerra pela Alemanha ainda não acreditam em que esse povo deixasse de ser bélico e imperialista.

Depois vem os clímax. A Alemanha Ocidental é hoje um potentado económico e é o banco de financiamento de países ocidentais como a Grã-Bretanha e a Itália.

Em vez de crescerem como a Alemanha Ocidental para a enfrentarem, preferem lançar sobre ela a desconfiança, e limitar-lhe as possíveis capacidades de acção.

O governo de coligação, cliente desse pensamento reservado a respeito da República Federal da Alemanha, procurou apresentar um programa de política externa que tranquilizasse os vizinhos, os colegas da Aliança Atlântica e a própria Rússia.

sia. O Chanceler Helmut Schmidt apresentou no programa do governo estes pontos concretos:

— «A Aliança Atlântica continua a ser a base da segurança da Alemanha Federal. A presença das tropas americanas na Europa não pode ser dispensada do ponto de vista político e militar através de qualquer outra fórmula de substituição»;

— «O Governo federal apoiará, como sempre tem feito, todos os esforços no sentido duma cooperação duradoura entre o Leste e o Ocidente. A nossa política de boa vizinhança com os países da Europa de Leste mantêm-se inalterável»;

— «A República Federal da Alemanha está vinculada à União Europeia. Só uma comunidade economicamente sã poderá justificar a sua importância política mundial. A República Federal da Alemanha está disposta a prosseguir na medida dos seus recursos o auxílio bilateral e multilateral que tem vindo a prestar aos países em dificuldade de balança de pagamentos, com a condição de os mesmos não poupem esforços no sentido de reforçar o seu potencial económico».

Com esta linguagem bem clara e objectiva parece devermos concluir que na conferência de Viena pairou o «fantasma alemão», isto é, o passado guerreiro e belicoso desse povo extraordinário em acção e patriotismo.

É claro que este fantasma persiste, porque ainda se não encontrou a fórmula da União Europeia, de que a Comunidade Económica Europeia é expressão no plano da economia, mas que, pelos Estatutos de Roma, é o embrião da União Política Europeia.

Como esta só avança, quando o perigo de Leste ameaça os Ocidentais, e Moscovo recorreu à fórmula capciosa da coexistência pacífica e da cooperação de Helsínquia para continuar, em novos moldes, a sua infiltração destruidora no Ocidente, a União da Europa parou, e sofreu grandemente com as conversações entre Washington e Moscovo, com a ausência total dos Ocidentais. Registe-se, até, este contra senso político: o mundo está dependente de dois grandes — os Estados Unidos e a União Soviética —, e a República Federal da Alemanha não pode enfrentar nenhum desses colossos.

Pois, quando se trata de reduzir tropas e armamento na Europa Central, a causa do impasse é o «fantasma alemão».

E para este equívoco tanto do agrado de Leste concorrem, ainda, políticos ocidentais, que pedem aos Estados Unidos que mantenham as suas tropas na Europa, não por causa da Alemanha Ocidental, mas por causa do perigo de Leste!...

JULIO VAZ

DE BRAGA

Arte Infantil na Universidade do Minho

Patrocinada pelo Club Rotário local, foi inaugurada a I Exposição

de Arte Infantil na Universidade do Minho, onde as crianças gloriam o tema: a amizade entre os povos vista pelas crianças. A exposição encerra no dia 26.

Bombeiros Voluntários na Câmara Municipal

Comemorações e programa do centenário dos Bombeiros Voluntários de Braga levaram os dirigentes à Câmara Municipal para contactar com o presidente, snr. Eng.º Mesquita Machado.

As cerimónias aproximam-se, nomeadamente as da semana anterior ao dia 27 de Março, por isso sollicitaram à Câmara Iluminação do Largo Paulo Osório e ajuda financeira.

O presidente disse levar à Câmara, com o maior prazer, o pedido feito e teceu os maiores elogios à actuação da direcção dos Bombeiros Voluntários.

O Cávado

Director:

Eng.º Armando António Correia

Proprietário:

Dr. João Bernardino Amândio

Coordenador:

Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz

Redacção e Administração: Rua dos Chãos, 90-2.º Trás — Telef. 25284/27065/27066 (p. f.) — BRAGA

Composto e impresso na Livraria Editora Pax — Rua do Souto, 75 — BRAGA